

Deponente: Geralda Chaves Soares

Entrevistador: Marco Túlio Gomes

Data: 30 de outubro de 2017

GERALDA: Lembrei do Samir também.

INTERLOCUTOR: Samir?

GERALDA: Uhum.

INTERLOCUTOR: Ele é o que?

GERALDA: Ele é ex-padre.

INTERLOCUTOR: Ah, o Samir.

GERALDA: Samir, (trecho não compreensível).

INTERLOCUTOR: Eu tento os dois.

GERALDA: @hotmail.com.

INTERLOCUTOR: (trecho não compreensível). Bom, podemos começar então?

GERALDA: Uhum.

INTERLOCUTOR: É, já apresentei né, o trabalho da, da comissão. É, eu queria que cê começasse falando um pouquinho do, da sua trajetória, como que foi até o Sine, a entrada sua no Sine.

GERALDA: Tá, a minha história é muito longa né. Mas eu sou lá do Jequitinhonha, nasci no povoado que chama Santana, Santana de Araçuaí, depois fui estudar em Araçuaí, de lá eu vim para BH, fiz Pedagogia aqui na PUC de Minas, e depois eu voltei, participei bastante né, dos movimentos estudantis, do DCE da católica, essas coisas aí. E depois voltei para Araçuaí, trabalhei um tempo no posto de saúde, e depois eu fui, na PUC começou um convenio lá com o projeto Rondon né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Que era um campus avançado, e a única pessoa que tava lá era eu, porque normalmente o pessoal filho de fazendeiro que sai, que volta, volta doutor né, médico, dentista, advogado, e eu era pedagoga assim solta no mundo né.

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: E eu acho interessante porque eram muitos universitários chegando né, que iam chegar, eu tava muito só também, e tinha uma vida muito ativa aqui em BH. Aí lá em Araçuaí comecei a trabalhar na Rondon, e numa das equipes veio um estudante, Antônio Carlos Magalhães, ele hoje, quer dizer, ele tá aposentado, tá num

museu grande lá no Pará. Ele é paulista né, trabalhou com os indígenas lá, eu acho que é, uns lá do Xingu, e depois ele mora hoje em Belém. Mas enfim, foi a primeira vez que me falaram dos índios né, os índios Maxacali, ele foi lá, fez uma visita, acho que ele e Maria Helena que mora em Araçuaí, voltaram, fizeram um relatório e ficou por isso né. E nesse trabalho eles pediram pra gente fazer um relato da, do trabalho que estava sendo desenvolvido da área rural com os jovens né, a gente fazia as equipes, que o Random era meio complicado, porque as vezes o projeto era elaborado na universidade, e era aplicado lá. Isso nem sempre dava certo né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Então o que a gente fez, a gente começou a juntar duas equipes, é, chegava uma agora e ficava uma semana e, de treinamento né, para um equipe passar para a outra o que que tava acontecendo, o que que ela tinha feito, o que que ficou pra fazer e tal, e isso foi, deu resultado bom né, o campus tinha um nome assim bom né, na área, e nesse meio tempo desse trabalho que eu escrevi, foi, eles me deram uma passagem pra ir, foi organizado um encontro pela, acho que era serviço social aqui da PUC, no Equador, e eu, lá fui eu né, apresentar esse trabalho lá. Lá no Equador foi a primeira vez que eu vi um índio, nós fomos visitar os andes, era experiência de reforma agrária que os índios não queriam, tinham jogado os tratores lá embaixo né, e nós, e aquele cara foi né, acompanhou a gente, contou muito sobre a vida deles, e que aquele projeto do governo não era bem aceito pelos indígenas né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: E visitamos um monte de coisa tipo, meio assustadoras para nós naquela época, que era o, no alto dos andes, a universidade do México tava fazendo uma escavação do templo do sol, e achando muito artefato né, muita coisa. Tinha um local que eles tavam fazendo as casinhas, com tudo aquilo que eles achavam ali e tal, e nesse seminário, era seminário latino americano de trabalho social rural. O pessoal começou a perguntar: “Olha, saiu a carta dos bispos do Brasil”, era Juca Pirama né, aquele que (trecho não compreensível), quem foram as denúncias que a CNBB fez da situação dos índios aqui, dos povos indígenas. E relatava muita violência e tal, e eu falava assim: “Olha”, mas eu não tinha ligação assim com a igreja a nível né, institucional e tal, aí falei assim: “Olha, lá na minha terra (trecho não compreensível), se tiver no Brasil é lá na Amazônia, no Mato Grosso”. Aí tá bom, mas fiquei com aquilo na cabeça né, muita, deu ânsia né, das guerrilhas aqui no Brasil e tal. Tá bom, voltei para Araçuaí, cheguei lá e comecei a perguntar: “Gente, tem índio aqui mesmo?”, mas

na minha cabeça nem passava essa história do Maxacali ali na esquina né, no Mucuri. Ninguém, “Não, tem índio mais não, aqui não tem índio não”. Aí minha mãe me falou, falou assim: “Olha, tem uns caboclo ali no Mucuri né, perto de Almenara, mas aquela região é muito perigosa, os fazendeiros lá são muito bravos”, e eu fiquei assim, meio desafiada com aquilo.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Aí depois de ter vindo um período que eu saí do trabalho, e tinha lá na diocese nessa época uns voluntários, eles eram austríacos né, trabalhavam na região, e um, eu perguntando para eles, assim: “Não, essa situação da Amazônia nós temos equipe”, era OED, é uma organização internacional né. “Não, essa história é verdadeira mesmo, negócio na Amazônia tá pegando fogo, tem muito massacre de índio, e tal. Vai ter um curso lá em Alcobaça, se você quiser ir a gente paga sua passagem”. Eu tava desempregada né, aí lá fui eu pra Alcobaça, foi o primeiro encontro né, do Sine dessa região, eram 40 missionários né, pessoas que trabalhavam com indígena, pra todo lado, tinha padre, freira, tinha negro, milhões né. E daqui de Belo Horizonte tinha um casal, era a Thais (Trecho incompreensível), da área de linguística da UFMG.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E o marido dela na época, que era o Willer né, Barbosa, que tá lá na Universidade Federal de Viçosa hoje. Fiquei conhecendo esse pessoal todo lá, o Fabinho né, que tava já, houve uma equipe do Sine que tava com os Tupiniquins e Guarani no Espírito Santo, mas aqui em Minas mesmo não tinha nada, só Thais e Willer, eles tinham, junto com outros jovens aqui, criado o GREQ, Grupo de Estudo da Questão Indígena.

INTERLOCUTOR: Aham, vinculado à UFMG né?

GERALDA: É.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Inclusive tem (trecho não compreensível) e Thais né, que são dessa época, e um médico que chama Francisco Carlos, Chico (trecho não compreensível), que era do Grec desse período, aí ia de país em um né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Então Thais e Willer já tavam acompanhando os (trecho não compreensível), nessa saga deles né, tira daqui e põe pra lá e tal. Aí terminou o curso, esse curso foi fantástico né, tinha muita coisa de antropologia, de história, e a história

ela é a história da nossa região. E eu nem passava aquilo na minha cabeça, imagina né, saber que teve uma guerra ali, que nós éramos o resultado da guerra né. Aí na minha cabeça era assim: “Não, vou trabalhar com esse Krenak, se eu entrar no Sine eu vou pra esse Krenak”, mas já tinha esse casal lá, que é o Willer e ela, Thais. Aí eu voltei pra casa né, voltei pra Araçuaí com aquela expectativa de que possivelmente a gente ia começar uns trabalhos com os indígenas, mas nem sabia onde né. Aí no fim do ano, como é que foi, acho que foi antes disso, teve, depois disso teve o primeiro seminário, a primeira assembleia indígena de Minas, foi lá em Itambacuri né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Itambacuri, aí vieram Guarani, Tupiniquim, já de contato com (trecho não compreensível) né, na luta fortíssima lá com os (trecho não compreensível).

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: É, Fábio Villas, ele mora hoje em Vitória né, o Lira mora aqui em Montes Claros e aqui em Belo Horizonte também, a ex-esposa dele, que foram coordenadores do Sine nacional.

INTERLOCUTOR: Ah sim.

GERALDA: Fabinho foi secretário nacional do Sine. Mas aí eu tava, teve essa primeira assembleia lá em Itambacuri, foi assim, quer dizer, a primeira experiência da gente assim, reunir dos índios né, época das grandes assembleias, o Sine tava né (trecho não compreensível), região fazendo as assembleias indígenas. Aí fizemos essa primeira lá, foi o Frei Capuchino até que articulou, o frei Jaimir, porque ele era, acho que ele tava em Nova Almeida e fez o contrato lá com o Fabinho, e eles trouxeram todo mundo pra Itambacuri, pelo papel histórico de Itambacuri né, que foi o último grande (trecho não compreensível) de Minas, onde teve a revolta dos índios né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: A Isabel (trecho não compreensível) pode te contar melhor do que eu. Então, aí eu fiquei, nós participamos dessa assembleia, daí também nós fizemos um primeiro levantamento da, ah, veio o Krenak também, vieram os Krenak, Maxacali, tudo, Guarani, Tupiniquim, não lembro se veio Pataxó. Mas enfim, era uma turma grande, fizemos também um primeiro levantamento da situação das aldeias né, depois dessa, desse curso lá do, de Caravelas, e eu sei que eu fui com o Fabinho, Neila e Thais lá na fazenda Guarani.

INTERLOCUTOR: Ah.

GERALDA: Erramos o caminho, viemos por cima, chegamos naquele lugar, parecia um cemitério né, uma coisa assim, uma cidade abandonada, as casinha tudo caindo e tal, e lá nos encontramos os Krenak exilados lá.

INTERLOCUTOR: Ah, então eles estavam lá ainda?

GERALDA: Tavam lá.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí encontrei a Dexa, Marinalva, Pequena, é, Laurita, o marido de Laurita, Adão, Irineu também, todo mundo tava lá né. Eu acho que, eu não sei se o pai do, o Jacó acho que ainda tava vivo, não tenho certeza né, o pai do Valdemar Krenak.

INTERLOCUTOR: E tinha Guarani lá já ou era só Krenak por enquanto?

GERALDA: Naquela época tava só o Krenak.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Né, não sei se os Guarani tava, se já tinha voltado, não tô lembrando mais né. Então nós encontramos aquilo ali, fomos na casa do chefe do posto, era um tal Leão né, esse Leão era assim, meio doido demais né, então os índios ainda a Dexa a Krenak, chegava na porta assim, nós sentada conversando com ele, e ela chegou só a cabecinha assim do lado de fora da porta, que não podia entrar né, na casa do chefe, diz que ele era muito bravo. E ficamo horrorizada com aquela situação né, daí acho que o pessoal que era do Sine mesmo fez esse diagnóstico, relatório né, da situação naquela época, parece que eles já tinham ido (trecho não compreensível), alguma coisa assim. E daí foi que era a ideia de começar o Sine leste aqui em Minas, e eu voltei para Araçuaí, fiquei lá aguardando, aí quando foi no fim do ano chegou, teve essa assembleia né, dos índios lá em Itambacuri, aí quando eu cheguei em Araçuaí, fiquei uma temporada lá, fim do ano chegou um padre com uma moça lá, a Bete, e falou assim: “Ó, o dom Quirino resolveu começar um trabalho, né, já com, de acompanhamento da situação do Maxacali porque tá matando gente demais lá, tá muita violência”. Mas como é que (trecho não compreensível), tava sozinha né, eu falei: “Ó, sozinha não dá, inclusive que eu nem falo a língua deles, nunca trabalhei, a única coisa que eu tive foi esse treinamento e essa experiência agora né”.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí ele falou: “Não, mas apareceu uma moça, ela é de Campos, ela é do rio, chama Miranda Costa, e ela é Tanarupã né, que hoje é operação Amazônia inativa, e ela quer vir pra cá. Isso aí foi ótimo né, dia 4 de janeiro, eu fui pra Teófilo Otoni toda animada, e era pra gente ficar uma semana visitando né, a área,

conhecendo, ver se a gente se sentia bem pra né, adaptar lá na região. Nós fomos com esse padre, padre Jerônimo Nunes, ele era português, tava trabalhando com a pastoral rural, ainda não tinha a CPT lá não, era a pastoral rural. Aí ele, nó, era pra ir acho que meio dia, nós demoramos acho que dois dias. Aí paramo de comunidade a comunidade, apresentando a gente e tal, tinha comunidades assim, a memória muito forte né, das atrocidades com os índios, teve uma comunidade, como é que chama lá, é, esqueci agora, tem tanto tempo. Mas então, nessa comunidade o povo contando: “Olha, esse rio aqui é o Mucuri, e os índios viviam nas correrias, fugindo dos, da polícia, dos matadores né, e tinha um cipó de um lado e outro do rio, era uma passagem deles, aí eles saiam atravessando, as mulher com as crianças, Takaio né, chegaram do lado de lá eles tinham que tapar a boca das crianças pra não gritar, pros caras não achar, mas do lado de lá eles estavam salvos, (trecho não compreensível).

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E que ali tinha morrido muita criança né, do lado do rio. E nós começamos assim a entender um pouco a história do Mucuri, assim, gente, a coisa é muito viva né, na cabeça do pessoal. E lá vamos nós, fomos pra Bertópolis, chegando em Bertópolis parecia o fim do mundo né, realmente era o fim da linha porque do outro lado do rio já é a Bahia né. Chegamos em Bertópolis, aí já tinha um boato lá, que (trecho não compreensível) ia mandar duas, que já tava fervendo a diocese, tinha vários conflitos de terra né, aí já tinha boato que a diocese ia mandar duas moças pra lá, uma era advogada, sabia tudo da Eliana, e que a gente tava indo pra ajudar os trabalhadores, colocar os índios, os trabalhador contra os fazendeiros né, mas a briga lá já tava pronta né, a muito tempo.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Aí nós já chegamos no auge né, das fofocas. Aí no dia seguinte a gente foi apresentado lá na igreja, depois nós fomos conhecer a região lá dos índios né. Eu tô me lembrando que antes dessa façanha toda de ir pra lá, teve uma assembleia nacional dos povos indígenas, como é que chama, é, na ilha do, dos Chocó, na beira do São Francisco, lá em cima do rio São Francisco né, no Sergipe. Aí eu fui com os Maxacali, fui com 3 Maxacali. Então minha ideia era, nossa ideia era entregar as fotos pra eles né, do encontro, era o Zé Pequeno, o Eufrásio e mais (trecho não compreensível). Lá vamos nós, procuramos o índio pra todo lado, tudo vazio, só fazenda de gado, aqueles (trecho não compreensível) né, só fazenda, sede, boi. De repente nós vimos uns indiozinhos lá pescando, chegamos lá era o Zé Pequeno com

os filhos né, pescando no rio. Aí nós conversamos e tal, eles deram pouca atenção, ligaram não, continuamos né, visitamos vários lugares que tinha amizade lá do pessoal com a igreja. Chegamos em Ibatinga né, o padre era muito animado, ele falou assim: "Olha, não tem casa procês não, mas tem a igreja e tem um comodo no fundo da igreja, a gente compra as camas, fogão, e vocês ficam morando aqui perto dos índios".

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: (trecho não compreensível) como é que é, pé no chão (trecho não compreensível) né, que ela era advogada, ela falou assim: "Mas o dia que tem um conflito aqui, até a gente chegar em Bertópolis".

INTERLOCUTOR: É longe?

GERALDA: 30 quilômetros, não tem ônibus né, tinha que ir de caminhão de leite que era dos fazendeiros, como é que vai ser? Vamos morar aqui não, nós vamos ficar em Bertópolis, lá na sede. Aí lá fomos nós pra sede, aí tinha uns amigos lá das comunidades né, (trecho não compreensível) lá, e de repente veio a delegação da prefeitura: "Olha, as moças vão chegar, uma é advogada, tem uma casa aqui perto da prefeitura, a gente disponibiliza pra elas morar", aí nós: "Vamos então a tarde a gente vai lá", tava almoçando né, "À tarde a gente vai lá". Chegamos lá, antes de ir pra lá chega outra delegação do pessoal da rua né: "Não vai não, aquele lugar ali é onde os prefeito, quando um prefeito perde ele contrata um grupo de professores e põe lá, quando um outro prefeito entra eles tira, porque é o controle deles né".

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Era né, não sei como é que tá hoje. Mas enfim, aí nós falamos: "Não, então nós não vamos morar lá no centro não", e o cara conhecido dos índios falou: "E tem mais, os índios não entram nessa cidade não, eles tem uma briga grande aqui com o cara que é juiz de base né", que acho que cortou os jacarandá deles lá em cima do pé da pedra, no cai, cai, cai. Aí resolvemos ficar na ponta de rua lá embaixo né, na saída pra Bahia, porque os índios vinham pescando, (trecho não compreensível), chegava lá nas mangueira parada.

INTERLOCUTOR: Então é bem ali onde tem a divisão Bertópolis e Ibatinga?

GERALDA: É.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Quando sai pra Ibatinga, que na outra pontezinha sai pra Itaí né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí ficamos morando ali, era uma casinha pequena, a gente combinou de ir pras feiras pra encontrar com os índios, a gente ia em Ibatinga, ia em Santa Helena né, comprava verdura. Mas os índios sempre assim, né, achando aquilo, quer dizer, pra eles nós éramos duas estranhas né. Aí nós resolvemos não comprar artesanato, porque tinha um boato que quem comprava artesanato lá, eles (trecho não compreensível), e sempre dava o cano neles né, comprava, levava e nunca mais voltava.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí a gente comprava batata, milho, é, mandioca né, coisas que eles produziam. E sempre tinha muita meninada na feira (trecho não compreensível) aquele trem, muita bebedeira, não era tanto como foi recente né, mas o pessoal de lá é doideira. E conhecemos lá o seu Lourenço, Lourenço Lopes, lá em Santa Helena, e conhecemos o irmão dele chamado Miguelzinho. Todos os dois foram do SPI, o Lourenço ele tem uma entrevista muito interessante com ele, acho que o Lucinho também tem tinha uma filmagem, um filme com o seu Lourenço. E seu Lourenço ele foi caçado pelo Pinheiro, ele discordou do Pinheiro, foi mandado pelos Apirajé, de repente ele não deu certo lá, voltou, foi demitido né, teve um tanto de coisa dele assim, com o Pinheiro. Mas o, é história interessante porque o pai deles veio de Matilde, acho que é Felizburgo e como sempre todo mundo entrava pra mata pra abrir uma posse e ficar ali. Aí ele veio com o Lourenço, Lourenço tinha 5 anos, e ficou na mata, abriu uma posse, tava começando a fazer uma casinha né, fez um rancho, quando chegaram os Maxacali, porque era dentro do território que eles tinham marcado, entendeu? aí conversaram falou: “Não, cê tá sozinho com menino aqui, tem muita onça, desce pra lá, fica lá na aldeia”. Aí o pai dele foi e depois ele mandou trazer a esposa mais os filhos, as filhas, parece que as filhas nasceram por ali quando vê eles tão lá em Santa Helena. E o, aí o Lourenço e o Miguelzinho foram criados na aldeia.

INTERLOCUTOR: Ah sim.

GERALDA: Tanto que eles falavam Maxacali antigo né, várias vezes em Santa Helena eu vi o Quelé chegar com crianças, porque ele tinha lá uma equipe do Samer, e tava estudando ali no Maxacali e eles discordavam, falavam: “Não é como eles estão ensinando” mas não falando assim: “Nossa, veio trazer a menina aqui pra o Lourenço falar direito” aí sentava a meninada no chão e começava a conversar com o Lourenço né. Diz que ele teve muitos problemas né a gente vê aí no relato dos gringos, tanto ele

como o Miguel, mas nessa época o pessoal tinha um, uma estima muito grande pelos dois né visitaram muito a casa dele tanto que um reforço que a gente teve lá foi dele.

INTERLOCUTOR: Ah sim.

GERALDA: Porque ele falava a língua e a gente não falava né, então os índios iam, discutia com ele lá chamava em casa conversavam né quando tinha muito problema. E também ele deu um pouco do relato da história né da região pra gente.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Como começou o desmatamento, que tá nessa filmagem dele que tem no Sine, como começou o desmatamento na região e tal, e então eu fui e fiquei ali naquela, eu e Liane moramos lá em Santa Helena, chegamos em 80 e ficamos acho que até 87, eu sei que 81 Liane não ficou muito tempo ela tinha problema de picada de inseto, e a gente tinha que atravessar ali os córregos porque não podia ir pela frente. Os índios ensinaram a gente a passar por outros lugares, tinha uma pessoa também que era da igreja, era Fidelcino Sucupira, Fidelcino foi uma pessoa de muita força pra nós lá também, porque ele conhecia todo mundo né, quem tava articulando, o sindicato, depois o PT né na região, então uma pessoa muito popular, ele já morreu também. Mas aí nós ficamos ali morando naquele lugar, na ponta da rua, não podia entrar na aldeia, porque era, a Funai tinha poder policial dentro podia expulsar a gente como algumas vezes mandou a gente sair né. E fomos ficando ali fazendo contato com as freiras, aí começamos a trabalhar com o povo da área rural pra fundar o sindicato lá né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Liana começou a orientar o pessoal sobre as leis e tal, tinha apoio do sindicato de Teófilo Otoni também, o Silvio, ixi, eram vários que iam lá, Jairão, que ia lá pra fazer reuniões com os trabalhadores né. E muita pressão, essa coisa fundiária né, porque quando começou a falar muito de reforma agrária, por qualquer coisa eles demitiam os trabalhadores que tavam ali trabalhando as vezes de agregado, de graça, trabalhando a dias né aí pagava uma indenizaçãozinha e botava o cara lá na rua. Mas o cara ia passar fome, tinha muita gente miserável assim mesmo que não tinha nada né, aí nós começamos um projeto lá não era um projeto, era um trabalho de reforma de casa, que as casas eram tão estragadas aí juntava os homens, cada fim de semana um mutirão, todo mundo fazia comida, levava, reformava a casa de um, reformava de outro né. E isso foi dando nome né, e os Maxacali lá no canto né.

INTERLOCUTOR: Então até então eles não tavam mais arredios assim.

GERALDA: É, porque tinha um negócio o chefe de posto da Funae falava que a gente era mulher da vida né, que, nessa época eles falavam: “O papai grande não quer que vocês vão na casa daquelas mulher não, quele pessoal, era tudo mulher da vida, é prostituta né”.

INTERLOCUTOR: Quem que, era o Leão?

GERALDA: Não, Leão era no Guarani.

INTERLOCUTOR: No Guarani né.

GERALDA: O Leão. Como é que era o nome dele, gente, ai, me passou todos esses nomes, tem tanto tempo, mas assim, ele falava que a gente era mulher da vida pros índios não irem lá. E um belo, uma noite né, de tardinha assim os índios vinham até longe assim pescando, de lá eles voltavam, procurando capivara né, e tal. Aí à tardinha, chuva, chovia muito nesse tempo, a chuva era tão forte que o governo mandava aviãozinho com feijão, farinha, eles jogavam lá na praça da prefeitura e distribuía pro povo pobre, que não tinha como vim até (trecho não compreensível) Águas Formosas, era longe demais e as estradas muito ruins, nem a Gontijo arriscava ir lá. Aí nós estávamos em casa né, quando chega aquele número de índio né, o Jum, Casqueirado, o João Célio os filhos, um tanto de mulher e criança né, ele falava português né, ele falou: “Olha a gente veio pedir pra dormir aqui, que amanhã a gente vai até Teófilo Otoni pra pegar notícia 5 horas”. Todo mundo molhadinho né, aí ninguém nem pensou duas vezes, a Liane ficou toda alegre, fez uma fogueira de telha né, botou as, o povo lá fazia muito isso dentro de casa que era muito frio né, pra, pra aquecer né, bota um tanto de telha assim era uma sala grande, ao redor né, e ficamos lá com eles conversando, ouvindo as histórias. As mulheres não falavam né, era conversando baixinho entre elas lá. Aí fizemos a janta, no outro dia cedo café, tinha fruta no quintal: “Leva procês comer no caminho” e tal, foram embora né. Muito tempo depois, foi o primeiro contato que a gente teve assim mais próximo né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: O Tintin que era um dos ex guarda que tava na liderança nessa época, era o Tintin, Carlinho Quelé né que eram os três mais ligados né, e Gustavo que ainda tá lá, mas Gustavo era mais quetinho, era mais Tintin que era Tintin era intelectual, impressionante a cabeça dele. E Quelé era um cara que falava a língua (trecho não compreensível), falava Maxacali e falava português.

INTERLOCUTOR: Ah, bacana.

GERALDA: Bacana né, então Tintin depois de muito tempo: “Ah, Geralda, que isso, cê lembra de João?” foi quando o João Célio morreu né foi atropelado na estrada de (trecho não compreensível) atropelaram ele lá, um caminhão eles estavam na estrada um caminhão veio virou e passou em cima deles né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: “Naquele tempo veio na sua casa foi fulano fulano, fulano dormiu aí”, eu falei: “Foi” “E onde é que ele tá?”, “Pois é teve esse problema com ele, o povo dele tá muito triste”, e tal. “Ah, mas eles veio aqui pra ver se cês era melhor de vida mesmo, porque o chefe de posto lá tava falando isso de vocês”. Aí nós conversamos lá e falamos assim ó: “Os fazendeiro não gosta delas, os fazendeiro não gosta, os trabalhador tão gostando delas né, elas tá fazendo coisas boas os fazendeiros tão com, então elas não deve ser não, deve ser outra coisa, vamos lá ver”. Aí elas foram lá pra ver o que que era né, que era a gente. E daí né começaram também a participar mais a gente, uma vez a gente foi a saída, até a Brasília né, saindo no carro escondido da Funae, pra ir em Brasília conversar com o Juru né, veio também um médico muito bom pra lá o doutor Marcio, acho que hoje ele tá no Jequitinhonha na região de Felizburgo, por ali. E Marcio foi um cara assim, pé no chão, ele saiu daqui da UFMG, foi pra lá, lá ele, tipo assim, ele respeitava os conhecimentos do pessoal era o maior escândalo, por exemplo, parto, a mulher vai ter o neném, não pode ir pro hospital porque é longe demais, não tem dinheiro pra nada ele ia pra lá, tinha uma parteira famosíssima lá, a mulher acho que foi mãe de tudo quanto é gente que tem ali. Aí Marcio chegava, sentava lá, ficava lá sentado esperando a mulher fazer o parto se precisasse dele ela chamava.

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Isso aí foi um escândalo na região né receitava, é, remédio de plantas medicinais, ia pras casas, não, planta é isso aí ó, a senhora tem essa planta aqui. Então começou valorizar o povo né, e ajudou também essa, acho que o PT já tava fundado quando ele foi pra lá, e quando ele casou ele casou com uma moça acho que daqui, acho que foi a Nilva, aí ele queria ir, só que não tinha lugar. O que que aconteceu? Ele ia alugar uma casa a prefeitura, era o Alfredo né, era, Alfredo era parente de (F) Fagundes, que era família tradicional lá. Alfredo ia e alugava a casa, ele era, ia no outro comodo de cima para alugar o cara ia e comprava sabe, pra evitar dele ir pra lá por causa do movimento que já tinha. Aí nós fizemos um movimento grande pra construir uma casa pra ele , aí, eu tenho os slides todos desse movimento que eu

sempre registrei muitas coisas né. Aí o pessoal pegou e construiu uma casa pra ele, bem lá na rua que da saída pra Batinga né, e ele veio, ficou morando ali, continuou o trabalho dele, atendia os índios nossa, ele era uma pessoa assim muito especial mesmo. Mas a perseguição foi muito grande né, com ele. Aí no dia da inauguração da casa, nós já tínhamos feito essa articulação né, o sindicato, movimentos sociais né da época, a sede, com a paróquia de Taí, que era o padre José (F), que era um batalhador também holandês que morava ali na, em Taí, é, aí lá, aí vieram os trabalhadores de todos os lados, aquela farra né, aquela festa enorme, foi muito bonita a inauguração da casa dele, muita (trecho não compreensível) né. E acabou ele ficou muitos anos ali. Aí com os Maxacali foi, assim, a gente começou devagar, teve essa vinda deles em casa, a gente ia nas, nas feiras, depois começamos a ir, eles começaram a ter confiança na gente, chamava a gente pra ir, a gente ia no caminhão de leite.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Imagina, três da manhã, eu vesti uma saia comprida, a Liane outra né, um frio de lascar, subir no caminhão ainda, gente. aí eles, tinha um índio que chamava Berli, ele falava: “Pode parar lá na fazenda dos, antes da cancela você para o caminhão e desce”. Um frio de matar, parar naquele, no meio daquele capim, ninguém né, e nós olhava assim: “Nossa senhora, nós somos loucas nesse lugar deserto né, um tanto de jagunço né. De repente apareceu o Derli lá de trás da moita de capim (trecho não compreensível). Aí levaram a gente por trás né, pela, pra chegar no Pradinho, a gente subia um morrão pegava a chapada (trecho não compreensível) na aldeia lá do Capitaõzinho, várias vezes fizemos isso. Daí não tinha Funae né, Funae tava lá na (trecho não compreensível).

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Outro incidente grave foi não sei se tá aqui já, mas era do, deu epidemia lá de caxumba, e eu tava indo pra, acho que era eu e Liane, acho que Liane já tava aí, e um rapaz que era irmão desse Fidelcino, Léo (Trecho incompreensível), a pé, de Ibatinga pro Pradinho. Chegamos no meio do caminho e encontramos o Luiz, aí ele falou assim: “Olha, corre lá, pode ir, que eu tô indo ver se eu acho um remédio, tá todo mundo deitado”. E nós apavoramos né, corremos pra lá, chegamos lá era uma epidemia de caxumba, dias, e o pessoal todo deitado, febre, tudo inchado e nós naquela preocupação de, a gente só sabia fazer, tinha a dipirona, o que tinha né, nessa época nem era dipirona, acho que era (trecho não compreensível). Eu sei que

eu que tinha, a gente deu, fez remédio, aí começamos a fazer chá de eucalipto, ia no córrego encher as lata d'água, deixar lá pra mulher usar dentro da cabana né, pra não sair, muita chuva. Aí voltamos e ligamos pra Teófilo Otoni, avisar lá o padre Jerônimo, a Diocese, ele pediu às irmãs aqui do Felício Rocho, aí no dia seguinte já chegou um carro de remédio, ele digigindo um carro né. Aí foi Thais, a Thaís acompanhou isso tudo, aí nós começamos ir a pé, fomos até a estrada lá do Cabral, subimos aquele morrão chegando no Pradinho, andamos pelo Pradinho, no meio da estrada apareceu Rondon, acho que foi o Rondon, não, foi o Lôro, era Lôro Maxacali, apareceu assim do nada, o padre pegou, ele era muito engraçado esse português, ele fumava uma cigarrão de palha assim, ele falou: "Ele vai falar alguma coisa né", porque na casa do Capitãozinho nós tivemos que pedir, já não aguentava mais andar, pedimos pra dormir, aí o capitãozinho falou assim: "Não, cês podem ir embora, capa-onça já matou as onça toda, capa-onça era o índio né, já matou as onça aí tem mais onça não, pode ir embora, precisa dormir aqui não". E nós de novo, aquela caixa de remédio, sacola e tal, fomos embora né. Chegamos no meio do caminho paramos um pouquinho, aparece esse índio lá: "Ah Madéia, tá indo embora né", "É, nós vamos porque o Capitãozinho mandou nós ir", "Pois é, pinheiro, viado", (trecho não compreensível) é viado né, fulano aqui roubou isso aqui, fulano roubou aquilo, matou, deu uma aula de história lá na hora, no meio do mato né. Foi a primeira vez que eles falaram com a gente, os detalhes assim de coisa, que a gente sabia pelo Lourenço, as vezes por Tintin, mas gente lá dentro da aldeia não.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí falamos: "Nossa senhora, a coisa tá brava mesmo né". Aí voltamos né, cuidou bastante, aí elas falaram assim, nós ficamos nas aldeias, andando, cuidando do pessoal que tava mal e falou: "Mas a Funae não veio aqui um enfermeiro?", "O enfermeiro mandou falar pra nós ir lá, mas ninguém aguenta ir lá, são 6 quilômetros daqui lá".

INTERLOCUTOR: Só ficava em Santa Helena né?

GERALDA: Eles ficavam em (trecho não compreensível), o posto era lá, e eles estavam lá no Pradinho né, era longe demais.

INTERLOCUTOR: É, é muito longe, até hoje.

GERALDA: Aí no dia que eles tavam bem melhor, já tinha tido né, medicação, ficamos vários dias lá, aí eles falaram assim: "É, você vai levar uns artesanato pra vender", e nós assim: "E agora né?", que quem leva artesanato aqui, mas tão confundindo a

gente né. Na hora Liana teve uma boa idéia ela falou assim: “Eu vou anotar então o nome da pessoa, o artesanato que tá levando, quantos, o preço, e se quer o dinheiro ou se quer que troca por alguma coisa. Aí a gente volta e trás”, aí foi legal. Levamos esse trem aqui, Belo Horizonte, Teófilo Otoni, vendemos, uma parte queria dinheiro, a outra parte queria trocar por alimento né, roupa, essas coisas, cobertor. E nós voltamos, aí foi sentar com todo mundo, lê o nome, aqui, mandou tanto, aqui o dinheiro ó, tal tal tal, isso aí foi criando confiança né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Porque (trecho não compreensível) era muito ruim. E daí por diante acho que a gente começou, eles começaram a entender mais a questão da, da terra, eles achavam que não tinha jeito aquilo ali né, os fazendeiros eram muito fortes, e sempre matava alguém, morria alguém, e a culpa era sempre deles, a culpa foi, “foi briga interna”, era sempre a notícia que saía nos jornais né.

INTERLOCUTOR: É.

GERALDA: Aí eles, a gente continuou o movimento, depois de três anos em Bertópolis a gente viu que precisava tá mais próximo né, e Santa Helena já tinha, o pessoal já tinha mais facilidade pra falar português, aí nós mudamos pra Santa Helena, fui conversar com o Dom Quirino, Dom Quirino falou: “Cês tão ficando doida, que Santa Helena é o foco dos fazendeiros, ali quando eles quer espalhar a boa notícia, uma má notícia, eles voltam lá em Santa Helena que a região toda fica sabendo”, né, mas a gente tava querendo né, ficar mais perto, aí nós fomos pra lá, arrumaram uma casa lá no, em outra periferia lá, ali começou também o sindicato, depois teve a emancipação de Santa Helena né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E o movimento grande ali. Aí no dia, eles faziam uma festa, como é que era, nós começamos o trabalho assim, todo fim de semana a gente ia pras comunidades rurais, chegava lá e fazia o culto, tinha um pessoal que mexia com o culto né, Aristeu, Aristeu, Arlindo.

INTERLOCUTOR: (trecho não compreensível).

GERALDA: Era duas pessoas que estão vivas ainda, Aristeu hoje ele é advogado em Águas Formosas, o Arlindo era aposentado, acho que é professor. E tinha seu Zezinho, Baiano, né, eram 4, que eram os dirigentes ali da igreja, pessoal muito legal. E a gente lá ia pras roças né,

tinha o culto, depois fazia reunião sobre reforma agrária, sobre movimento sindical, sobre a sede, eles cantavam, e era tudo a pé né, tinha nada de carro ainda não. Aí quando tava, e pra ir pra aldeia ia a pé também, Santa Helena teve lá, até na aldeia, aí tinha que passar nas fazenda toda ali, inclusive na de Pinheiro né. Aí Dom Quirino arrumou, a diocese arrumou um Wolks pra gente, aí tinha um cara que dirigia pra gente, pra gente não andar sozinha, aí facilitou mais. Um dia a gente tava lá indo pras roças, Marcio também tava, esse médico né, eu, Liane já tinha ido pra Teófilo Otoni, tava na comissão de direitos humanos lá. E eu tô lá no, acho que na casa, eles fala: “Hoje nós vamos lá pra comunidade”, aí saiu todo mundo foi, mas ia ter a festa da rainha da primavera, mas era uma festa onde é que eles já botavam lá a dedo né, quem tá de chinelo não pode entrar. O povo lá não calçava sapato, quer dizer, era só os filhos de fazendeiro, pessoal bem ali na região né, vinha gente de Águas Formosas, (trecho não compreensível) , todo lado pra essa festa. Enquanto a gente foi pra lá, ah, mas foi auto falante o dia inteiro, chamando o pessoal de comunista, doutor Marcio era comunista, agitador, subversivo e tal, um fuzuê na cidade. E tava esse professor que era, ia ser o porteiro da festa, porque era na escola né, o único lugar que tinha que fazia festa. Aí o professor se recusou a ser porteiro, falou assim: “Uai, mas se o povo não pode entrar, como é que é isso?”, um pessoal bem legal assim. E foi essa festa rolando a noite inteira, nós chegamos tarde já, fomos dormir, eu morava com uma mocinha da roça lá, chamava Nilde, ela falou: “Ó, eu vou lá pra praça, vou ver a festa, vou participar lá”, eu falei: “Então eu vou dormir”, que eu tava meio gripada. Fiz um chá, tinha um rádio, liguei o rádio e tô ouvindo notícia, e dormi. Ah, bem de madrugada eu, bem escuro né, eu acordo com o rádio ligado, aí abaixei o rádio, abaixei e escutei uns passos na rua né, era areia, eu falei: “Que coisa estranha”. Aí quando eu abaixava o rádio o passo parava, quando eu alteava continuava, aí ficou isso, essa história, dormi de novo, acordei com esse povo gritando, aí a Nilde já tinha chegado, tava no quarto de dentro, eu dormia de lado, num quarto assim, não tinha quintal na frente não né. A gritaria na rua, nossa, aquele: “Corre, sai todo mundo, o carro vai explodir, tá pegando fogo”, e o Wolks ficava do lado de fora, na porta né, na rua. Aí eu levanto correndo, chamo a menina, saiu todo mundo prarua, o povo já tava lá apagando, jogando água, quanto mais jogava água mais a gasolina escorria e ia fogo pra todo lado né. E daí resolveram cavar um barranco, tirar areia e botar em cima do fogo lá, e apagou né. O pessoal vai olhar, embaixo do carro tinha uma (trecho não compreensível) de plástico, com uma corda dentro, cheio de gasolina né, o fogo

pegou, o bom foi que a acorda embebeu na gasolina, e ela prendeu de lado e encostou no pneu.

INTERLOCUTOR: Ah sim.

GERALDA: Aí queimou o pneu né, e o carro assim, mas não deu pra explodir né, que a gente enchia porque no outro dia ia sair cedo né, pra roça, era acho que domingo né, isso foi sábado pra domingo. Nossa, isso aí foi uma confusão medonha, porque chamamos a polícia, fomos fazer ocorrência né, fazer o B.O lá, aí o cabo que tinha lá, o cabo Mendes começou a chamar todo mundo pra depor. E tinha um rapazinho, esse que gritou, ele era acho que Itaem ou era de Medeiros né, tava lá ensinando capoeira lá né, e por acaso a noite descendo da festa viu o fogo né. Chama esse cara lá e pegou uma cadeira né, e jogou nele pra acertar, aí ele desviou e ele foi falando: “Foi você, vocês na igreja são assim, vocês fazem esse tipo de coisa pra depois virar mártir, vão dizer que vocês, mas foram vocês mesmo que botaram fogo nesse carro”, e foi chamando um por um. Aí chamaram a, o seu Zezinho que era o dirigente culto, acusaram seu Zezinho de ter posto fogo no carro né, aí de tarde o cara manda me chamar: “Ai, eu quero ir lá na sua casa pra gente ter uma conversa, tomar um café”, eu falei assim: “Não, na minha casa não, vou lá na delegacia pra depor, porque ó, deu um prejuízo danado, o carro é da diocese”. Aí o cara foi, pegou depoimento de todo mundo, mas acusando seu Zezinho, que ele que tinha botado o fogo, ele que gritou, ele chegou lá primeiro pra apagar o fogo né. Eu sei que investigaram, investigaram, e chegaram a conclusão de que alguém tinha feito o serviço. No outro dia chega os Maxacali em peso né, porque eles consideravam o carro deles né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Chamava Xunim, o morcego né, porque tava sempre fugindo de noite né, fugia pra Brasília, fugia da polícia. Aí chegou lá, falou comigo, falou assim: “Olha Geralda, cê vai fazer, nós já sabe, nós já fez religião e nós já sabe quem é que botou fogo aqui”, eu falei: “Ah já?”, “Já, é o”, não sei se é o filho do (trecho não compreensível) que era, o cara tinha uma fazenda. “Ele tava de bota, ele veio aqui, caminhou, caminhou, caminhou e depois ia botar fogo, explodir o carro, e você vai morrer, aí nós veio aqui pra falar com você o seguinte, cê vai lá pra Araçuaí e fica um mês lá, e manda dois jagunço aqui pra botar o ferro nele também”. Eu falei assim: “Uia, é? Não, eu não posso fazer isso não, não é desse jeito não, a gente tem é que descobrir, a polícia vai descobrir, vai chegar nele, pode deixar”. Mas a ideia deles era assim, era ferrar o sujeito né.

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Aí passou, essa investigação não deu em nada, ficou por isso. A próxima deles foi botar veneno na cisterna, a gente tinha um cisterna no fundo da rua lá, todo mundo, era cisterna coletiva né, que não tinha água encanada. Aí ia lá pra pegar o, quando a mulher foi, 5 da manhã tava aquela mata branca passando lá, que ela puxou o balde né, aquelas coisas de enrolar assim, aí saiu gritando, gritando que tinha veneno na água. Levaram essa água pra Águas Formosas, investigaram, investigaram: “Ah, é veneno”. Mas e aí ué, mas nunca tinha alguém que era culpado né, botaram fogo no carro, fizeram veneno, aí no dia do trabalhador rural, foi dia 25 de Julho, veio o povo todo de Teófilo Otoni né, foi uma festa grande, os trabalhadores tinham feito um rancho grande, tava fazendo um forró lá, os índios lá. Aí os índios já tavam bem né, juntos, e seu Lourenço tinha, nós tínhamos criado no sindicato, nós não, os trabalhadores né, um departamento da questão indígena né, e todo problema indígena os trabalhadores não resolviam, levava pro seu Lourenço, aí ele chamava os índios e conversava né, ajudava a gente a fazer as denúncias. E um belo dia tamo nós lá né, dia do trabalhador rural, chega o, ele mora lá ainda tá, no bairro Santa Helena. Ele era um soldado reformado da polícia, ele tinha acho que, parece que estuprou uma criança, uma coisa assim, tava lá. Aí ele chegou, falou: “Olha Geralda, eu vim aqui te chamar que tem um pessoal da roça querendo te conhecer, e filiar no PT, tá naquela Kombi lá na ponta da rua”, tinha um poste, “É lá na kombi lá embaixo”. Eu falei: “Uai, mas eu não mexo com filiação do PT não, quem faz isso é doutor Marcio né”, “Não, num minuto cê vai lá e cê faz a filiação, leva o caderninho lá porque eles já tão de saída”. Aí quando eu olho atrás dele tinha seu Zezinho né, e o Arlindo atrás, né, era compadre de João, vizinho, que vigiava minha casa né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí eu falei: “Não, eu não vou não, eu tô muito ocupada aqui agora, depois eu vou lá, depois eu apareço”. Aí o cara saiu xingando né, mas eles tinham combinado de me sequestrar e sumir comigo né, sei lá o que que eles iam fazer. Começou o aperto né, e esses trabalhadores saíram de madrugada né, da festa, foram embora, passaram na fazenda de um lá, de um homem, em vez de passar quieto não, foram pedir água pra beber. O cara saiu de lá, e pá, deu um tiro nele, matou o sujeito. Era assim né, a década de 80 ali, muito violenta. Aí foi muita denúncia, uma confusão danada né, e nessa fazenda antes da gente chegar lá tinha tido assassinato de um índio chamado Tiago né, e essa Tintin me relatou tudinho como é que foi, porque ele

tava lá, ele assistiu tudo de dentro do mato né, não pôde fazer nada. E era uma pressão atrás da outra né, outra vez foi uma mulher, a mulher de, (trecho não compreensível) era do Pradinho, eles tavam indo pra Itaí. Pararam, porque tava muito frio, chovendo, pararam debaixo de uma árvore, ficaram quietos lá, fizeram uma fogueirinha né, fazendo, o jagunço veio e pegou essa mulher, e com o cabo da como é que é, da arma, quebrou os dentes dela (trecho não compreensível) bateu e tal. E esse pobre dessa cara gritando lá, pedindo socorro, passava um carro, índio, sem camisa, tirou a camisa pra fazer gesto né, gritando, gritando (trecho não compreensível). A mulher deitada lá gemendo, toda amassada né, toda machucada, aí ele foi ficando, ficando, gritando e nada, ninguém parava. Aí de madrugada passa um carro, caminhão de leite que é do Marquinho

Marquinho foi inclusive prefeito lá recente né, pessoa que trabalhou muito na (trecho não compreensível). Aí Marquinho parou o carro e pegou levou, levou lá em casa, em cima do caminhão. Gente, quando chegou lá tinha até um padre lá, o padre Mamed, tava celebrando missa, tava naquela região, nós olhamos aquilo, falou: “Olha, vai morrer, tem jeito não, que que a gente faz”. Levamos no posto de saúde, o cara foi lá, a mulher toda cheia de corte, e a roupa pregada em cima, cada arrancada aqui assim e a mulher gritando gritando. Limpou a mulher, nós botamos no Wolks do padre e levamos pra águas Formosas. Chegou em águas Formosas eles falaram: “Aqui não tem, tem que operar, tem mandar pra Teófilo Otoni” aí levou pra Teófilo Otoni. Então era assim, era um caso atrás do outro né.

INTERLOCUTOR: E quem eram esses o, a mulher cê lembra o nome dela?

GERALDA: Como é que era o nome dela gente, eu sei que é Maria, eu tenho ele aqui (trecho não compreensível) parece que já era nesse tempo aqui. Thiago, Thiago foi em 78. Essa de Zazá por exemplo eu tenho uma foto dela com os braços inchados assim da paulada que ela levou. Tô contando muito detalhe, mas cês podem cortar.

INTERLOCUTOR: Não, mas é exatamente isso que a gente precisa mesmo porque muita coisa a gente perguntou e eles não lembram mais né.

GERALDA: Não tô elabrando quem era, mas eu acho que era, parece que era Manoela, não tô lembrando, eu lembro da cara dela direitinho acho que não era não porque ela era do Pradinho.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Mas eu, é porque eu tenho muito caderno desses relatos em casa né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Muito registro né dessas histórias assim.

INTERLOCUTOR: Qualquer coisa depois a gente pergunta quando cê tiver lá.

GERALDA: Pois é, isso, a gente pode confirmar né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Então, eu tô relatando essas histórias do, da violência com o Hélio né, teve o caso vários outros casos do, por exemplo o caso do Alcides, que é um caso mais conhecido né, teve outros também que foram assassinados ali. E aí em Bertópolis era aquele trem assim de medo né o povo só tinha coragem porque, teve coragem né, naquela época porque a gente foi chegando a diocese foi aproximando mais, tinha gente morando lá, o médico lá né, e eles viam aquele movimento todo né, então cada vez que tinha uma coisa dessa a gente ligava lá pra diocese, aí Dom Quirino ia bravo na rádio, abria a boca né, denunciava o que tava acontecendo, daí eles paravam, paravam um tempo né. E teve, ah, teve morte demais ali gente, criança né, que a gente via morrer assim, indo pro hospital, e reivindicação dos indígenas por exemplo, em relação ao atendimento né, que não tinha. Leva pro hospital, mas o costume deles é ir o pai e a mãe né, botava a criança lá, a criança morria, aí os índio revoltava né, porque tinha que levar pra fazenda, vigiar, aquela coisa toda. Mas o, em Bertópolis tinha uma família, que é o, a Funae tá fazendo levantamento da história deles né, eles são Pataxó Rã Rã Rãe, era o Jacó, eles vieram pra morar na área Maxacali, moraram por cima do Pradinho né, e não deu certo ali, teve algum problema lá que, o Douglas tá fazendo, já fez um trabalho sobre eles Douglas (trecho não compreensível). E o Jacó tinha um filho, chamava Hélio, esse cara ele foi pro rio pescar, um cara que sabia nadar, que não tinha como morrer afogado né. De repente o cara aparece boiando lá, aí falaram: “Não, ele bebeu”, ué, mas será que foi? Ninguém, nunca ninguém sabia de nada né, do que que tinha acontecido. E era muita injustiça né, os prefeitos que entravam também eram sempre assim aliados dos fazendeiros, e a região toda né, quer dizer, toda uma ocupação de fazendas né. E o território Maxacali, que os Maxacali (trecho não compreensível), que eles tão na área assim, muito reduzida né, to tamanho que, quando eles saíram do Jequitinhonha e foram pra mata né. Então o território deles era 10 léguas, por 10 na mata, entendeu?

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Então se eles hoje fossem reivindicar território eles iam reivindicar Santa Helena, Bertópolis, tá todo dentro desse perímetro né. E a coisa foi sendo demolida né, e em 76 a rural Minas deu o título de terras, inclusive essas aqui do meio, todas

elas tinham título de terra, todas as fazendas. E eles sabiam que era dos índios, e foi negociado com pessoas do STI, quando demarcou essa área aqui, teve uma negociação, aí um fazendeiro fica com um pedaço, outro fica com outro, e lá no Pradinho a coisa já foi mais grave, porque tinha um fazendeiro que chamava Nerinho Necanguçu.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Nerinho era guerra de 55, me parece, Nerinho manda 30 cara entrar no Pradinho e começar a cortar. Nessa época o Lourenço tava lá dentro, então eles entraram, organizaram e começaram a expulsar esse povo todo, e conseguiram expulsar. As mulheres fizeram, faziam tudo né, ficavam na retaguarda lá, esperando. E nesse tempo, aí eles ficaram revoltados e o fazendeiro mandou alguém procurar esse índio, era dos Cascorado também, chamou ele pra ir, na feira ninguém saía né, todo mundo fechado lá, o Pradinho já era muito isolado, era mata ainda né. Aí o cara saiu com esse sujeito e nunca mais voltou, desapareceu, aí foi pro fuzuê, e veio um policial, veio polícia do Rio, era coronel Índio do Brasil aqui que o nome chamava, e esse cara investigou, investigou e prenderam esse sujeito que tinha matado né, que deram sumiço no índio. Aí a gente perguntava, falava: “E aí, ele tá preso, ele ficou preso, condenado?”, “Não sei, nós não sabe porque a mulher dele vestiu de luto muitos anos”. Quer dizer, acho que mataram o cara né, eles devem ter matado o cara.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Então ninguém sabe, a mulher dele ficou de luto. E era assim, eles relatavam as coisas assim né, não gostavam de ficar conversando muito nessas coisas não.

INTERLOCUTOR: Na época do assassinato do Alcides o Sine tava lá?

GERALDA: Aí ele tava lá, era eu, Liane também tava lá, foi, deixa eu ver, foi 84.

INTERLOCUTOR: 83.

GERALDA: 83.

INTERLOCUTOR: Então Valdomiro em 82, o Alcides 83 e Osmir em 87.

GERALDA: É, Osmir foi (trecho não compreensível), Osmir foi na época que eu fui pra Teófilo Otoni, tava a irmã Ângela lá. Agora, esse aqui, o Zé Rolinha, o Zé Rolinha que matou no Alcides, ele atirou na orelha dele né. Zé Rolinha era vaqueiro lá do, do tio Laurindo. O cara tava na cadeia, esse tal de Jerônimo que era da CTP foi lá, visitou ele na cadeia né, e no dia seguinte ele sumiu, aí diz que levaram ele pra fazenda, uma fazenda deles lá no Pará, levaram pro Pará, esconderam ele lá. Aí depois de muito

tempo que tinha passado, ele voltou, ele foi assassinado também, parece que por um policial até.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E o Bonafogo era vaqueiro de primeira né, Bonafogo tem umas histórias muito doida né, não sei se ele tá vivo ainda, ele morava perto de Joáima né, nessa estrada aí, alguma fazenda, eu não sei se era em Joáima mesmo, no Jequitinhonha né, por aí. Quando eles iam lá em casa né, quando eu fui pra Aracuaí eles iam lá pra me visitar, aí falava: “Ah, Bonafogo tá vindo, tá velho já”.

INTERLOCUTOR: E ele que matou o .

GERALDA: Quem matou o Alcides foi o Zé Rolinha.

INTERLOCUTOR: Mas o Bonafogo é o Osmino?

GERALDA: Não sei se foi o Bonafogo, do Osmino nunca ficou certo quem foi, porque Osmino tava voltando de Santa Helena, sumiu, desapareceu, os índio limpavam aquela região inteira, veio polícia federal, veio gente da Funae, olha, só tem capim ali, não tem como um corpo tá escondido na moita de capim, na beira da estrada né. Aí depois de muito procurar acharam o corpo dele, assim, como quem tava dentro do carro atrás né, assim, parecendo, né, que tava curvado assim, endureceu né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Então eles andaram com ele uns dois dias, ou três ou quatro, uma semana, ninguém sabe como, e depois jogaram o corpo lá. Aí não tinha lei, investiga, investiga e fica por isso mesmo né. O Osmine era marido da Daldina, que morreu lá atropelada lá na aldeia verde, e o pai era o, não, era o, como é que chama o pai dele, o pai suicidou, foi um suicídio que teve lá.

INTERLOCUTOR: Acho que tem até o nome dele aí, não sei se é Otávio.

GERALDA: É Otávio.

INTERLOCUTOR: Otávio né?

GERALDA: Otávio, é. Então uma família assim, trágica né.

INTERLOCUTOR: Mas cê tava falando do Banafogo, que os índios tinham medo dele então.

GERALDA: Nó, muito medo.

INTERLOCUTOR: Eles chegavam a relatar alguma coisa que ele fazia?

GERALDA: Tem um relato engraçado deles né, que eles, Maxacali é assim, ele tem medo mas ele não tem assim, se for pra tá fazendo uma trapaça com o sujeito, feito vaqueiro lá do, chamava João Vermelho. Eles vigiavam o João Vermelho lá do

Pradinho né, aí a casa do sujeito lá no alto do morro lá na fazenda. Aí o João Vermelho, “Que horas que ele chega?”, “Ah, ele chega assim antes do almoço, aí ele vai comer e depois vai dormir. Aí três horas ele amarra o cavalo ali, três horas ele levanta e vai olhar o gado e trazer pro curral os bezerros pra prender né, pra poder no dia seguinte tirar leite.” Depois esses meninos, rapaziada né, três da, enquanto o cara dormia eles iam lá e pegavam o cavalo do cara e montava e rodava aquele Pradinho inteiro montado. O cavalo tava morrendo, chegava, amarrava o cavalo, antes das três o cavalinho lá. O cara levantava, dava tiro, virava fera, falava que o cavalo tava todo machucado, todo cansado, mas ninguém via nada. Então eles aprontavam também de pressão, isso é, fazer o cara ficar (trecho não compreensível), pra ir embora, chatear o cara, tentar ele né, pro sujeito sair. E o Zé Pirão me contou uma vez da, que eles saíram, tava precisando, uma carne né, capivara, alguma coisa pra caçar, e passaram lá na porta do, do Banafogo né, na saída do Pradinho, aqui assim.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Passaram, aí na volta não conseguiram caçar nada, os outros continuaram e o Zé Pirão veio aqui. Chegou lá: “Ô Banafogo, cê tem água aí?”, “Tenho”, “Me dá um copo d’água aí, me dá um copo d’água. Me dá um, cê tem cigarro?”, “Tenho”, “Tem palha?”, “Tenho”, “E fumo?”, “Tenho também. Senta aí, faz o cigarro, fuma e vai embora”. Aí sentou, fez o cigarro, bebeu água e tal, aí o Banafogo tinha uma, uma caixa assim comprida, parecendo um banco com tampa né. Falou: “Ó, o capitão Pinheiro não quer que cês ficam andando aqui não. Olha aqui o que tem procês aqui”. Levantou a tampa, mostrou um tanto de arma empilhada dentro né, aí ele: “É, Pinheiro tá em ganho com nós né”, “Tá, tá muito em ganho com cês, pode ir embora”. Mas enquanto ele enrolou o Pinheiro, o Banafogo, conversou, os outros foram e pegaram a vaca que eles queriam né, e levaram. Aí no outro dia diz que foi umauê, o Pinheiro gritando e xingando, o Pinheiro não, o Banafogo xingando a mulher dele que tinha sumido uma vaca né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Mas foi um, treta deles né, pra poder ter carne lá, e levaram né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Então eles fizeram isso várias vezes, antes deu chegar, de nós chegarmos lá eles tinham feito uma pressão nos fazendeiros assim, passava um dia, vindo de um lugar, pegava as roupas que estavam no quintal. Passava outra vez e pegava porco. Aí outras vezes mandava: “Cês tem que ir embora, não é pra ficar aqui

não, é pra sair aqui do meio. Passava na outra casa no outro dia, não tava lá, tirava os portões da janela, da porta. Começaram a fazer pressão pro fazendeiro sair né. Então quando a gente chegou lá já tinha isso tudo, eles já tavam numa luta brava pra expulsar, só não tinha como né. Aí foi quando começamos essa convivência com eles lá que eles foram descobrir que podia sair, que tinha alguém que podia ser aliado, tipo o Juruna, ir lá em Brasília fazer denúncia né. E que foram, foram ficando com mais esperança né, e por incrível que pareça foram os gringos né, que foi as lideranças desse tempo né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: O Tintin, o Gustavo, Quelé.

INTERLOCUTOR: Carmindo também.

GERALDA: E Carmindo né. O Carmindo inclusive ele, eu tinha, não sei quem que pegou lá em casa, mas tinha um relato, não sei se é no Estado de Minas, tinha o nome próprio do Carmindo, e porque o Carmindo levou ele pra ser gringo, porque era ele que liderava o pessoal pra atacar o gado e correr com os fazendeiros de lá, era o cara que tinha uma liderança muito grande lá dentro né. Aí o Pinheiro leva ele pra ser gringo.

INTERLOCUTOR: Parece que primeiro ele fica um tempo internado no Krenak, né?

GERALDA: Fica, ele é preso lá, ele ficou preso lá, as mulheres pegavam, que eles levavam as mulheres né, passaram a noite cavando a penitenciária e tiraram ele, e levaram ele acho que até perto de, não, não é Peçanha não, é Conselheiro Pena, acho que é Conselheiro Pena.

INTERLOCUTOR: Uhum, é.

GERALDA: A pé, aí a polícia foi atrás e amarrou ele num cavalo e veio arrastando ele de lá até no Krenak, de volta. Esse filme “Martírios”, cê viu ele?

INTERLOCUTOR: Ainda não.

GERALDA: Tá aqui, “Martício” tem um Caioá, eu não sei se ele que é marido da Nôêmia, pai da Sueli. Então ele faz um relato assim que eu não tinha ouvido ainda, o que que ele viu lá, ele viu gente de cabeça para baixo, torturado, apanhando sabe?

INTERLOCUTOR: Ah, não sabia que tinha isso do “Martício” não.

GERALDA: Tem, a última parte do “Martício” tem esse Caioá falando do Krenak. Esse dia me falaram até que o Raoni teve preso lá.

INTERLOCUTOR: Ó.

GERALDA: Quem que me falou isso gente, foi lá no (trecho não compreensível), é, mas nunca ouvi falar, não tem escrito lá.

INTERLOCUTOR: É.

GERALDA: Da lista dos presidiários né. Mas o (trecho não compreensível) ele foi uma liderança grande, agora o Tintin era o pensador da (trecho não compreensível) sabe, Tintin era um cara, quer dizer, o que ele aprendeu fora, eles falm que ele era muito violento, ele sabia essas luta marcial todas né, o pessoal tinha medo dele, e morreu né, por, por vingança né. Ele se envolveu num problema interno lá que era assim, tinha o Camilo, Camilo era um pajé excepcional lá no Pradinho, e apareceram dois índios, e tavam, os detalhes não interessam não, mas teve uma briga, os filhos de Camilo tavam furando uma pessoa lá com as faquinha, todo mundo meio tombado, era dia de futebol, e o o Carminho disse, o Tintin disse, ele relatou, quer dizer, os outros nunca lhe contaram como, mas esse foi um relato do Tintin. Quando ele tava com duas chuteiras no ombro, de short, calção, indo jogar bola lá no Pradinho, eles tinham feito uma aldeia nova, tava linda, lá no (trecho não compreensível), e tinha mudado pra lá, tinha roças de mandioca, as cabaninha tudo bonita. Aí ele viu, ele falou assim: “Nossa, eles vão matar aquele cara né”, e era um casal assim, que conversava muito né, e eles detestam pessoa que fica levando conversa daqui, conta um caso lá, aumenta, conta ali na frente né. Aí eles, chegou e falou: “Gente, vamos parar, para com isso aí, vamo parar, deixa o pessoal ir embora, vai embora, vai embora”, falou com os véio, os dois saíram né, de fininho

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Só que o pessoal voltou pra cima dele, começou a furar ele, porque já tinha essas coisas todas né, de, as raivas que vem né. Aí ele ainda, ele viu que eles iam pegar ele mesmo, aí ele olhou, diz ele que viu um pedacinho de enxada, essas enxadas que cê vai trabalhando, trabalhando, fica só o toquinho, ele falou: “Olha, cês não vem não que eu acerto vocês” e ficou de cá esperando né. Quando o Camilo viu o barulho, veio subindo ali pra ver, que ele jogou, acertou no meio da testa do Camilo, morreu na hora né. Isso aí foi uma guerra enorme, eles foram lá nessa aldeia, queimaram, quebraram tudo, o povo correu a pé até a água (trecho não compreensível). E Tintin ele era tão coerente que ele queria se entregar pra morrer, ele falou: “Aqui é proibido, e eu matei um pajé gente, eu matei uma pessoa importante, eu tenho que morrer”. Aí foi a irmã Ângela, foi a Funae, foram convencendo ele, falou assim: “Mas você não matou porque quis, foi por acaso, cê jogou por se defender”, né.

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Mas ele não aceitava isso, e passou muito tempo depois o pessoal vingou né matou ele, aí perderam uma pessoa muito, da cabeça muito clara sabe?

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: E o Quelé também era um cara coerente demais, Quelé era um cara assim, eu acho que ele era sonhador né, que Tintin era um cara assim de briga mesmo, sabe? “Fulano fez isso, olha, tem que ser assim, vamos fazer isso, né, vamos escrever uma carta”, essas cartas é ele que ditava, ele ditava pro Lourenço né, depois escrevia em Maxacali, o Lourenço traduzia pra gente saber o que que era, depois escrevia em português, cê escrevia a carta era um dia né, eles discutindo o que que ia pôr, o que que não punha e tal. E o, então o Quelé já era um cara de uma sensibilidade enorme, bom, bondoso né, muito querido assim, era um cara que sabia conviver né, sabia conversar, tranquilo, morreu acho que por falta de tratamento, acho que foi tuberculose.

INTERLOCUTOR: Ele é pai do Manoel Caré?

GERALDA: É.

INTERLOCUTOR: Ah tá, é, esse eu conheci lá.

GERALDA: (trecho não compreensível), a mulher dele é viva ainda, chama Didi.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Morava lá em Bueno.

INTERLOCUTOR: Deixa eu só ver se eu entendi então. É porque aí o Carmino ele vai com ele pro Krenak, e nessa época vai outros Maxacali junto com eles, cê sabe?

GERALDA: Vai, a mulher dele foi né, Emílio, a mulher dele morreu também, é, foi o Gero né. O Gero é um caso extremo assim de violência, porque parece que ele foi, por causa de bebida, e eles obrigaram ele a beber leite quente, depois fizeram beber água fria por cima, aí ele se queimou todo por dentro. Quando ele já não podia mais comer, aí devolveram ele pra aldeia, a Noêmia conta isso, quando ele chegou lá, eu acho que ele era primo da Noêmia, ele começa a vomitar né, não conseguia comer, ficou magrinho, sentindo muita dor e morreu. Mas esse é um caso que todo mundo conta né, dessa atrocidade com ele.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: E Carmindo, o motivo dele ir pra lá é porque ele era liderança, a primeira etapa foi essa né, dele ser Grimm, que primeiro ele foi preso, depois ele voltou. Tem

outros também, naquela lista eu acho que, eles falam dos Grimm né, como é que foi o treinamento, eles contam muita coisa né.

INTERLOCUTOR: Tem um trabalho do, acho que é Edvaldo né, como que ele chama? Acho que é Edvaldo, que ele estudou a Grimm, e aí ele fala que teve primeiro uma experiência com os Maxacali lá na aldeia, parece que eles foram escolhidos, alguns, e aí eles foram treinados, aí viram que deram certo, aí começaram a Grimm mesmo.

GERALDA: Pois é. O, que tá vivo é o Corti né, Corti ele foi levado mas ele não quis ficar, ele voltou, não deu esse negócio de ser Grimm não. Mas Carmindo, Quelé, Gustavo, Tintin, Môro, Rondon, Marcelino, acho que Marcelino também, que eu me lembre uns 7 assim.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E as torturas assim, teve um, a Gilce me falou até de uma mulher que ela tava viva ainda, ela ficou doida né. Ela, o marido tinha uma venda, ela vendeu cachaça pros Maxacali, aí mandaram prender, prenderam o cara, aprontaram com ele, levaram a mulher pra lá, e estupraram essa mulher, tinha que cozinhar pelada, cozinhar pros guarda lá, pra polícia, e estuprada todo dia.

INTERLOCUTOR: Pela Grimm?

GERALDA: Eu não sei se era bem a Grimm ou se era os outros policial.

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Mas eu acho que era toda a gente ali.

INTERLOCUTOR: Tudo junto.

GERALDA: E teve caso deles amarrar, o Pinheiro tinha uma égua que era ensinada né, adestrada, e eles amarrava o cara, igual faz com rolo de (trecho não compreensível), amarrava na égua e fazia ela pular no açude d'água que tinha lá na Água Boa, deixava o cara afogando, afogando, isso o Lourenço também me contou. Tirava de lá, fazia o cara comer sal até né, comia sal até, comia, comia, comia, e apanhando, aí depois soltava. Agora essa mulher ela ficou vários dias lá torturada e, olha, eu fui 2012, eu passei um mês lá visitando as aldeias, e Gilson me contou que essa mulher tava viva ainda, tocada numa casa lá pra cima ali do Pradinho, parece que era pra cima do Pradinho, o marido já morreu né, e ela era viva ainda, eu não sei o nome dela, mas Gilson me falou isso. Era um mundo sem lei né.

INTERLOCUTOR: Uhum. E depois que o Pinheiro, afastado da Funae, os membros da Grimm foram bem aceitos pelos Maxacalis, cê tem notícias disso?

GERALDA: Ó, o problema é que eles voltaram, eles ficaram sem o ganho deles né, não tinha mais o, tipo um supermercado que o Pinheiro fez lá, que o Lourenço falava era isso, falava assim, ó: “O mal foi isso aí, porque todo mundo acostumou a receber, ninguém queria mais ficar mexendo com roça, quintal, porque tinha tudo na mão né”.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Parece que tinha gado lá dentro. A coisa boa que eles falam é que Pinheiro tirou os posseiros lá de dentro né, isso eles concordam que foi bom, mas quando a gente chegou os fazendeiros colocaram o Pinheiro no altar, que o tempo de paz deles foi o tempo que o Pinheiro ficou lá, porque o pessoal ficava preso né, não podia sair.

INTERLOCUTOR: Eles ficaram lá tudo confinado um tempo né?

GERALDA: Confinado, quer dizer, tinha comida, tinha, né, mas era, pelo relato dos Grimm a gente vê que não era confinamento assim em paz todo mundo dele né, tinha muita pressão em cima deles. Quando nós chegamos lá teve um projetão da Funae, e da Universidade de Juiz de Fora, antropóloga era a Neli, Neli Ferreira. Eles não, quer dizer, não consegui, eu vi o projeto, eu tinha nem sei de onde é que foi, que era um prijeto pra assimilação né, dos Maxacali. Aí tinha, ela tinha os estudantes que ensinavam português, cantar né, e tinha roça né, fazia aquelas roça enorme né, de passar os tratores, os Maxacali trabalhava a dias, mas sempre acabava que era, nunca foi a roça deles, aquela roça grande era roça da Funae. Aí eles voltaram pra casa, pra aldeia deles e fazia a rocinha familiar dele aqui. Que eles são assim né, tá bom aí pra nós trabalhar, a gente vai lá e ganha um dinheiro, só que nesse período desse projeto teve um negócio que foi inconstitucional, foi a criação de um dinheiro, e lá em casa tem foto desse dinheiro né, um dinheiro que circulou entre os Maxacali, e que eles aprenderam a fazer câmbio né, quem tinha mais trocava mais, por dinheiro vermelho, de fora né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí eu sei que quando isso foi denunciado, a polícia federal fechou isso né, esse dinheiro, e eles não gostavam né, queria aquilo lá. É.

INTERLOCUTOR: Acho que eu vou ter que pôr na tomada.

GERALDA: Tem uma tomada aqui, ó.

INTERLOCUTOR: Ver se ela funciona, acho que aqui não, aquela ali do canto é?
(trecho não compreensível, conversa paralela).

INTERLOCUTOR: Ah, mas tá bom assim, é porque aí a gente usa, porque depois a COVEMG vai fazer um material audiovisual, aí a gente pensou em usar o seu depoimento e o do Romeu se ele der né, vamos ver.

GERALDA: Uhum.

INTERLOCUTOR: Não, mas depois eu tenho até que te pedir o, será que no Sine Leste tem esse material do, como é que ele chama?

INTERLOCUTOR: Do Lourenço?

GERALDA: Ele tem, porque eu tinha ele, mas, deve tá num outro computador, mas no Sine tem, pode ligar lá.

INTERLOCUTOR: É, eu vou.

GERALDA: Se quiser a gente liga daqui.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E pergunto lá pra. Cês tão de carro ou cês vieram.

INTERLOCUTOR: De ônibus.

GERALDA: De ônibus?

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Daqui lá no Sine é longe né.

INTERLOCUTOR: É, não, mas aí eu vou lá depois também, acho que tem até um, é o Céu Azul né, vou lá depois.

GERALDA: Ontem eu quis ir lá mas aí não deu.

INTERLOCUTOR: (trecho não compreensível).

GERALDA: Onde é que eu vou achar aqui o, a cadeira?

INTERLOCUTOR: (trecho não compreensível). Eu posso só arredar a mesa um poquinho pra cá?

GERALDA: Pode.

INTERLOCUTOR: Só pra.(trecho não compreensível).

INTERLOCUTOR: Mas aí a gente tava falando do, da Grimm né. Mas sobre o Pinheiro, assim, na, no período que vocês estavam lá, tem alguma coisa que pode ser relatado?

GERALDA: Tem, o Pinheiro ele era o articulador da UDR lá né, era quem levava os fazendeiros né, pra, como é que chama, pra Brasília né, porque era aquele período áureo né, da luta da reforma agrária, os trabalhadores lá nessa, nessa caminhada toda né, ia pra Brasília, vinha pra todo lado, então era ele. E teve um incidente delecom o vaqueiro né, e a família do vaqueiro, que é o padre Samir que acompanhou, tem

registro disso na polícia de águas Formosas né, e vários, tem o trabalhador rural também, e tem um advogado, eu acho que ele tá em Teófilo Otoni ainda, que acompanhou ele né, o nome do cara eu esqueci já. E era uma pessoa de, os índio tinha muito, muito receio dele né, porque mesmo que alguns acha que ele fez alguma coisa boa, tipo essa coisa de retirar os posseiros lá de dentro, mas pros fazendeiros ele foi o ótimo né, foi o período da paz na região né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Mas a paz de, do, por causa do confinamento né, dos índios lá.

INTERLOCUTOR: É. E ele ficou lá esse período todo que o Sine atuou lá?

GERALDA: Ficou, ele morava lá, e parece que ele saía e voltava né, ficava o Banafogo lá em cima, o Zé Rolinha né, que era os vaqueiros dele, tava sempre por ali, mas a gente sabia que ele tava lá articulando alguma coisa né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: E também porque a briga ali na época, a luta maior era pela unificação do território né, e quando acontece a unificação, teve a indenização pelas benfeitorias né, foi em 99, eu tinha saído já, então indenizou os fazendeiros pelas benfeitorias e aí uniu Água Boa e Pradinho né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Que era o espaço de maior violência, eles não podiam sair, passar, nem pescar, às vezes pra pescar as mulheres iam pescar, os homens ficavam em cima do barranco com as garruchas né, pra caso alguém atacasse lá. Então, ele tava sempre por ali.

INTERLOCUTOR: Tem até alguns relatos que nas fazendas, eles botavam coisas no fundo do rio pra.

GERALDA: É, espeto né.

INTERLOCUTOR: É, espeto.

GERALDA: Era, tinha, era perigoso demais, ninguém arriscava ficar dando bobeira aqui nesse meio né do Iburanga. E se passava, passava nessa cidade que as vezes tinha que ir pra feira né, tinha que ir pra algum lugar, então não tinha como transitar por ali né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Ver se tô lembrando de mais. O caso do Alcides, todo mundo contou já né?

INTERLOCUTOR: Se ocê quiser dar a versão.

GERALDA: É, a versão é essa do livro mesmo né, que foi a, ele tava voltando com um grupo, voltando da feira, e eles tinham bebido um pouco, pararam para descansar, é normal né, senta, acampa ali um pouquinho, depois melhora e continua.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: E quando eles tavam, o índio acho que era o Manoel, parece que tá aqui até o nome dele. Aí o cara, o vaqueiro chegou e falou que não era pra ir, que o fazendeiro não queria que fosse embora, eles falaram: “Não, a gente tá só um pouquinho”, “Não, vai embora, vai embora”, e começou a atacar. E quando ela viu que o Alcides tinha sido ferido, a mulher dele foi né, a.

INTERLOCUTOR: Jovita.

GERALDA: A Jovita, pega uma garrafa e bate na cabeça dele e ele cai né, e elas correm, mas ele, parece que ele não tinha acabado de matar, eu sei que ele tira a orelha do Alcides né, e corta com facão. E esse pessoal ficou o resto da noite né, foi à tardezinha, dentro do capim, dentro da lagoa do brejo ali, é tudo brejado, ali era brejo antigamente né, ficaram lá dentro da lama com criança né, com medo dele voltar e atacar. E não teve jeito né, foi um dos casos mais assim, horríveis que teve ali foi esse dele, porque foi uma coisa assim, pensada, eles não queriam que ficasse, expulsaram ele de lá, eles não obedeceram, aí eles atacaram né.

INTERLOCUTOR: Sim. E tem mais alguma coisa dos Maxacali ou de outros povos indígenas de Minas, que poderia ser dito nessa.

GERALDA: Tem, quer dizer, eu saí de lá, muito diante dessa pressão toda né, foi uma equipe pra lá, era a irmã Leila, Dorotéia que tava com os Funeiou foi pra lá, e foi a Ângela que tava vindo do Nordeste, e foi compor essa equipe lá, que pegou ainda essa fase aqui antes da unificação.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Na unificação já tinha acontecido tudo né, nós fizemos uma, que pena que não tá aqui né, mas nós fizemos campanha internacional né, na Áustria, é, pela unificação do território, fizemos caderno de denúncia né, não só esse livro mas fizemos, né, outro, então a coisa já tava muito quente né, com todos esses atentados lá na cidade, não só com os índios, tipo os trabalhadores fizeram reunião em Santa Helena debaixo de uma cabana que eles fizeram lá pra reunião. E os fazendeiros, os filhos de fazendeiros, que eles chegaram, entraram a cavalo no rancho, pra interromper a reunião. Aí as mulheres levantaram e arrancaram uma cerca né, começaram a bater nos cara lá e expulsaram os caras de lá.

INTERLOCUTOR: Aham.

GERALDA: Então era assim, o tempo todo tinha um problema. Em Teófilo Otoni o padre Antônio Mamed, ele tá aqui, mora aqui na, o seminário aí dos missionários da Boa Nova na Pampulha. O Mamed um dia ele tava em casa e ele era responsável lá na região, ele, pela (trecho não compreensível), Antônio Mamed Fernandes, e o Jerônimo pelo trabalho da Pastoral né, da CPT, e dos índios. Aí o Mamed tá em casa, chegou um cara falando com ele: “A minha mãe tá precisando de extrema unção, se pode levar ali”, “Mas onde?”, “Em tal lugar”, chamou, só que eles não foram né, um senhor lá, mas quando chegou no caminho viu que o cara tava dando volta demais, falou: “Não, mas que isso”, aí o cara parou o carro e deu um tiro nele assim.

INTERLOCUTOR: Nossa senhora.

GERALDA: Um tiro na barriga, e o cara, o sacristão que pulou né, de um senhor, aí eles deram tiro nele também, ele escondeu lá, aí isso deu investigação, investigação, investigação e nada. Aí quando nós soubemos lá, eu e Liane pegamos carona num caminhão de noite, chovendo, viemos pra Teófilo Otoni, chegamos lá o padre Mamed tava internado. Eu sei que rolou muito tempo, esse cara que atirou nele, ele sumiu um tempo, depois voltou, parece que um dia ele tava na fila do banco, uma coisa, eu sei que mataram ele e acabou, matou o cara. Padre Mamed cê pode entrevistar ele, pra ele contar um pouco, é seminário da Boa Nova. Ah, se não fosse hoje eu ia lá com vocês, tava com vontade de ver ele. Mas eles vivem (trecho não compreensível), né, da região, de como é que era. Aí bom, então eu fui pra Teófilo Otoni, passei 6 meses lá com esse vaqueiro do Pinheiro, que tinha tido problema com a mulher dele, depois esse cara arrumou emprego lá, acho que o sindicato arrumou um emprego pra ele em Águas Formosas, sumiu, nunca mais a gente viu. E eu vinha pra aqui, porque Teófilo Otoni era assim, o foco né, que Teófilo Otoni e Águas Formosas eles estão ali o tempo todo.

INTERLOCUTOR: É.

GERALDA: Aí eu vim aqui, também houve mudanças na linha de pastoral da diocese, mudou o bispo né, e eu vim então aqui pra Belo Horizonte, aí eu fui trabalhar no Sedefes, aí aqui o Sedefes criou um setor que era de documentação da história de (trecho não compreensível) Minas, o primeiro (trecho não compreensível) foi esse aqui né, pra gente, pra coisa não apagar né, que quem fica lá, quem tá aqui nem imagina que tá um conflito desse né. E eu tava no Sedefes, nessa época os Krenak, teve aquele massacre lá de Rachimu né, dos (trecho não compreensível), e os Krenak

foram nessa, foram vários povos né aqui de Minas pra essa manifestação de solidariedade lá em Brasília. E quando eles voltaram eles voltaram: “Nossa, mas os (trecho não compreensível) tem os pajés, tem os jovens que sabem a história, e nosso povo aqui não tá sabendo da história, né, só os mais velhos que sabem, os meninos não sabem o que que passou, nós queremos fazer um livro para denunciar isso né, que que aconteceu ali no Krenak”. Foi quando fez esse aí né, a luta dos índio, não, os índios do Rio Doce né, esse foi pra ajudar os Krenak, foi quando o Sedefes articulou pra gente alguma coisa importante né, que pudesse dar visibilidade, inclusive pras perguntas das pessoas nas escolas né, pra poder tomar conhecimento dessa violência que tava nas aldeias. Até essa data aqui, quer dizer, ele foi feito em 90, 90 tem apresentação da Maria Hilda, 92 foi a época, 92, então ele, eles ficou muito interessante, porque foi quem, primeiro livro em Minas que tem a fala dos índios né.

INTERLOCUTOR: Sim.

GERALDA: Nunca tinha tido um negócio, tem índio vivo falando alguma coisa né. E foi um período, eu fiquei 2 anos, acho que fazendo isso aqui com eles né, registrando, aí lá eu conheci eu Antônio Ventania Pancararu, que tava exilado lá, tinha trazido a mulher, tava o filho dele Manelão, morando lá né, eles já tinham, eles voltaram na década de 80 né, voltaram pro Krenak né, tomaram a área lá, era outra situação assim de muito conflito né. Mas tinha um envolvimento grande aqui em BH por causa da Thaís, Willer né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Já tinha o Sine aqui também, e no Sedefez então eu fiquei trabalhando, e junto com o Sine também acompanhando né, as ida nas aldeias, os contatos e tal. Um dia chegou um pessoal da CPT, acho que era o Thiago, da CPT, ele mora aqui, acho que Betim, Contagem. Aí Thiago falou: “Olha, na beira do Rio Pará tem um povo lá que diz que é índio, uma briga que tá feita lá de conflito de terra e tal”, e era, problema do trabalhador rural né. Aí eu fui lá fazer um registro dos depoimentos desse pessoal lá da beira do Rio Pará né, então tá o São Francisco aqui né, não, Vale do Jequitinhonha, São Francisco assim aqui, vem o Rio Pará né, eles tão na beira do Rio Pará né.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: E a cidade é Pompéu, Martinho Campos, nessa região ali. Aí quando eu fui gravar as histórias falaram: “Não, nós aqui, nós, não tem alma não, nós aqui é tudo bicho, porque eles fala que nós não tem alma que nós é índio”. Aí comecei gravar e

tal, trouxe tudo pro Sedefes, aí foi, aí: “Não, então isso tem que ser com o Sine, não é com a CPT”. Aí começamos a levar a questão pro Sine né, e nisso deu um trabalho, e foi da Naí, acho que do Ministério Público, acho que era a Ana Flávia parece, a Naí (trecho não compreensível). E aí fez um estudo né, sobre os Cachichó, começou a luta pelo reconhecimento deles né, por território, território serviu até hoje né, não tá demarcado, mas é um povo que tem ali na beira do Rio Pará. E depois do Rio Pará, aí quando foi 93, já tinha passado essa fase toda né, unificou o território Maxacali, o Krenak tava lá lutando com eles, pressão da terra ainda, e eu tinha conhecido a Cleonice Pancararu, tinha conhecido primeiro o avô dela lá no presídio. Aí encontrei com ela no movimento aqui com os Pataxó né, da fazenda Guarani, mas ela não falava que era Pancararu, ela vinha, vestia como Patraxó e tal. E aí eu fiquei de lá, eu fui, ela falou: “Ah, eu quero conversar com você”, aí eu fui lá na fazenda Guarani, eu tava fazendo essas fotos aqui do presídio né, da solitária, que era solitária né, comentei que eles sabiam disso e tal. Aqui, era essa foto, eu fui lá fazer essa foto, aí eu encontrei com Cleonice, aí ela falou: “Olha, hoje nós queria fazer uma reunião lá em casa”. Aí eu fui, cheguei lá tava a dona Benvinda, seu Eugênio, Cleonice, Ivan, Déri, Cláudio, Dimas, Cleide né, um grupo, Dimas é Pataxó. Aí a dona Benvinda contou essa história trágica, né, da saída deles lá de Pernambuco, pra vir em busca do avô que tava aí no presídio, eles tinham notícia e tal. E contaram um negócio assim que foi dessas raiva que vivenciaram, como é que um negócio desse pode acontecer né, eles queriam nessa época ter um lugar pra fazer uma aldeia, que eles pudessem ser Pancararu ali, pra fazer o menino do rancho né, os rituais e tal, e as músicas, as danças Pancararu. Aí eu voltei e falei pro Sedefes, pro Sine, e nessa época eu acho que era um ex lobo parece, que era coordenador do Sine, aqui do Sine Leste. E tava rolando essa história aí já, dos Caxixó né, investigação.

INTERLOCUTOR: Uhum.

GERALDA: Aí eu, ficamos, nós fizemos a equipe, era Cleonice, eu, acho que Dimbas, Pataxó, não tô meio certa não, e uma equipe da CPT ali do Vale do Aço. Aí começamos a andar em vários lugares ali pra ver se tinha terra por ali né, um lugar bonito com mata e tal. Um dos lugares era o Parque do Rio Doce, só que quando nós conversamos lá, a ideia não era bem a tranquilidade que eles queriam né, que eles queriam assim ó, todo mês chega aqui 8 mil turistas, então vai ter índio aqui pra vender artesanato, pra tá vestindo a rigor né, cês podem caçar, podem virar até guarda do parque. Aí nós voltamos, fomos no IEF, o IEF queria dar um curso dos

jovens pra ser guarda né, de meio ambiente, alguma coisa assim, de acompanhar os turistas lá e tal. Mas começaram a discutir eles falaram: “Não, não é isso que a gente quer não, isso aí vai ser um desasossego pra todo mundo, tem 30 anos que nós tamo andando né, então não dá”. Aí decidiram ficar, aí eu fui embora pra Araçuaí, e lá tinha um bispo, outra figura assim histórica, dom Enzo (trecho não compreensível), ele era italiano, que durante a ditadura teve um papel muito importante na região, é, a primeira ocupação de terra né, dos sem-terra foi lá, no Novo Cruzeiro né, (trecho não compreensível). Então tinha um monte de coisa, aí eu fui visitar ele, que foi meu professor quando eu estudei no colégio, aí ele falou: “Olha, eu, esse mundo tá cheio de problema demais, quando eu ficar velho mesmo, que eu aposentar, eu vou morar numa aldeia”, eu falei: “Ô Dom Enzo, mas velho dá muito problema, o mundo já tem problema demais, cê ainda vai pra lá velho, vai ser pior né”. Ele falou: “É, mas se tivesse uns índios aí eu ia fazer alguma coisa”, eu falei assim: “Olha, mas tem, tem uma família de índio Pancararu, e eles estão precisando de uma terra”, ele falou assim: “Uai, tem 60 hectares de terra ainda na fazenda da diocese, eu já loteei lá pros morador, porque a gente não dá conta não, é de pagar né, então se eles quiserem eu posso doar”. Aí eu ligo pra Cleonice, Cleonice lá na fazenda Guarani: “Cleonice, arruma um tamborete aí, senta, porque lá vai notícia né”. Aí Dom Enzo convidou, foi seu Eugênio, dona Benvinda e Cleonice visitar Araçuaí, dom Enzo levou eles lá na fazenda, escolheram uma área, e seu Eugênio já achou que lá era tudo igual Pernambuco, tinha uns burro na (trecho não compreensível), carregando feira, gente montado de cavalo, ele achou ótimo aquilo. E Cleonice e dona Benvinda foram pra supermercado, compraram pequi, fizeram uma panelada de pequi, porque lá em Goiás eles tinham um né, muito isso lá né, no cerrado. Eu sei que isso foi em, início de 94, fevereiro Cleonice casou com um Pataxó, que era o César. Ivan, Dére e César foram na frente, lá pro Jequitinhonha, pra não perder o ônibus né, foram pra escola lá em Coronel Murto né, aí são vários detalhes né, e depois quando foi dia 12 de Junho de 94 chegou todo mundo lá em Coronel, não tinha casa, aí foram arrumar uma casinha lá do vaqueiro, do ex vaqueiro, reformou tudo aí eles ficou lá. Até que a gente foi batalhar pra construir a casa, nessa época não tinha apoio da Funae não, tinha um adestrador péssimo que era o Andrada, até morreu num acidente. E o Andrada era muito assim, aquela pessoa complicada né, que como foi a igreja que deu a terra pra eles, era um problema, quem tinha que arrumar terra pra eles era o estado, não era a igreja, aí tava metendo bico onde não devia né. E isso demorou muito a Funae ter um

bom relacionamento já com a aldeia. Aí foi, acho que 96 tinha 4 casas prontas, tava tudo bonitinho né, todos lá, aí 2005, aí tava tudo ok né, 2005 um grupo de famílias que era Ivan e a Cleonice resolveram fundar outra aldeia. Essa aí é um pedaço que tá mais ou menos assegurado, porque é doação da diocese, tá tramitando agora pra registrar no patrimônio da União. Mas eles entraram no crédito fundiário, compraram 57 hectares de terra numa área que é na beira do rio né, e se deram mal né, eram 8 famílias, era a Cleonice e Ivan que era Pancararu casado com Pataxó, e os outros eram famílias Pataxó. Pataxó é muito ligado assim com água né, de mar, essas coisas todas. Aí ficaram um tempo, foi um período muito bom, o estado fez uma escola, o Leonardo Monteiro, um deputado aí conseguiu uma emenda e fizeram as casas, 5 casas bonitinhas né, eles fizeram a planta, a Funae adequou lá com o desenho deles, e foram, tão com esse problema. Aí isso foi 2005 né, esse aldeia atual, aldeia (trecho não compreensível). Eles tão com um problema sério, porque comprou a terra, a dívida tá no Banco do Brasil, R\$60.000,00, os Pataxó foram embora pra Bahia, ficou na mão de duas famílias. Aí essa dívida já deve tá mais de R\$100.000,00. Então tá sujeito a uma hora o banco resolver ir lá fazer o despejo né. Aí quando foi 2000 e, mas é um pessoal super legal, super criativo, 2012, não, acho que 2011, tinha uma fazenda, é assim, tem um, o Rio Jequitinhonha tá aqui né, aqui tá os 45 hectares de terra, e aqui tinha uma fazenda, são 500 hectares, o fazendeiro e tal queria vender essa fazenda, já nem morava lá, tava lá em Montes Claros, e eles já tinham falado com a Funae da importância de ampliar, porque o povo tava aumentando, já tinha escola, tinha, né, aí eles resolveram ocupar a fazenda, ocuparam essa fazenda, fazendeiro também não esquentou não, ele tava afim de vender. Aí ele pediu R\$1.500.000,00 pela fazenda, de novo o Leonardo Monteiro apresentou uma emenda, aí a Funae ao invés de comprar a terra, pediu o laudo. Quando falou em laudo, a Funae que veio pra Brasília, a Funae falou o seguinte. Primeiro nós fizemos um documento junto com a universidade sobre essa terra, pra justificar a ocupação. Quando a documentação veio foi assim, Lula tinha ido lá em Araçuaí